

“É melhor viajar do que ficar em casa”: Italo Calvino e a “pulsão da viagem”

“It is better to travel than to stay home”: Italo Calvino and the “journey pulse”

Maria Elisa Rodrigues Moreira*

Resumo

Neste artigo, apresenta-se uma reflexão sobre a “pulsão da viagem” na obra de Italo Calvino, buscando percorrê-la junto aos personagens viajantes do escritor italiano de modo a estabelecer uma espécie de “poética do nomadismo”. Em diálogo com filósofos e sociólogos, destaca-se que a viagem tem uma relação maior com os deslocamentos do olhar que com os deslocamentos espaciais, demandando um “espírito de viajante” que pode acontecer até mesmo na imobilidade.

Palavras-chave

Italo Calvino. Viagem. Nomadismo.

Abstract

In this paper, a reflection on a “journey pulse” in Calvino’s work is presented, seeking to move along with the author’s travelling characters in order to provide a kind of “poetics of nomadism”. In a dialogue with philosophers and sociologists, it is worth highlighting that the journey has a closer relation with the shift in gaze than with spatial shift, demanding a “traveler spirit” which can exist even in stillness.

Keywords

Italo Calvino. Journey. Nomadism.

* Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

[...] por acaso ser inquieto ou perder o equilíbrio não é, no fim das contas, o característico de todo impulso vital?
Michel Maffesoli, *El nomadismo*, p. 17

Michel Maffesoli, em seu livro *El nomadismo: vagabundeos iniciáticos* (2004), reflete acerca do nomadismo característico das sociedades contemporâneas, nas quais uma “vida errante” pode ser entendida como uma forma de resistência à ordem estabelecida, como uma espécie de ato de rebeldia que indica um desejo de rompimento com a clausura e a confinção que regem o mundo social cotidiano desde a modernidade. O impulso da vida errante seria assim, de acordo com o sociólogo francês, um modo de injetar a novidade em um cotidiano de marasmo, ou, para retomar o exemplo por ele citado da cidade de Tebas, de substituir a ordem e a “languidez” da administração de Prometeu pela vitalidade e pela barbárie proporcionadas por Dionísio (MAFFESOLI, 2004, p. 19-21). Mais que isso: seria uma forma de questionamento do “poder totalitário” que procura evitar que qualquer coisa fuja a seu controle – aquilo que está continuamente em movimento não se deixa abarcar pelos mecanismos institucionalizados do poder. Por isso ele afirma: “Apenas sedentarizando se pode dominar”¹ (MAFFESOLI, 2004, p. 23, tradução minha).

Ainda que a obra de Michel Maffesoli esteja voltada para uma reflexão de caráter sociológico e político, acredito que ela pode iluminar o olhar lançado sobre a literatura, auxiliando-nos a refletir a seu respeito não apenas de forma metafórica, mas também possibilitando que percebamos sua inserção política em nossa sociedade. O texto de Maffesoli retoma o que há de potencialidade no nomadismo e na anomia, ressaltando o papel fundamental da errância – e daqueles que com ela se identificam ao longo da história, como o viajante, o estrangeiro, o comerciante, o vagabundo – na constituição das sociedades. É esse vitalismo da viagem que acredito marcar o texto calviniano, possibilitando que vejamos as coisas que se nos apresentam com olhos estrangeiros, atentos ao que nelas escapa e flui continuamente. É nessa perspectiva que proponho pensar a obra de Italo Calvino sob a ótica de uma “pulsão da viagem”, a qual se manifestaria por meio dos mais diversos processos de deslocamento realizados por seus personagens e funcionaria como um modo de colocar personagens e leitores em contato com o diverso por meio de um persistente “olhar estrangeiro” sobre o mundo. Afinal, como afirma Maffesoli, “O olhar exterior, com

¹ “Sólo sedentarizando se puede dominar.”

efeito, possui uma visão mais penetrante, mais ácida também, pois sabe ver o que a alguns olhos demasiado acostumados lhes é difícil apreciar”² (MAFFESOLI, 2004, p. 108, tradução minha). Arrisco-me a dizer, inclusive, que os personagens calvinianos estão marcados pela ideia da mobilidade assim como esta marcaria a própria escrita do italiano: conforme o crítico Giuseppe Bonura (1987), a principal característica da obra de Italo Calvino é justamente a extrema *movilidade* de seu mundo poético, decorrente do trânsito permanente do escritor por temáticas e estratégias narrativas diversificadas, pelas quais se movia de forma muito mais concêntrica que linear.

Por esse viés, poderíamos afirmar que a obra de Calvino estaria marcada pelo que Michel Onfray, em seu *Teoria da viagem: poética da geografia* (2015), identifica como o princípio arquetípico do nomadismo, representado ao longo do tempo pela figura do pastor (em oposição à figura do camponês): o pastor é aquele que percorre os territórios conduzindo seus rebanhos, sem preocupar-se excessivamente com questões de ordem política ou social, e com isso apresenta-se como a figura que inquieta, que coloca em risco toda a ordem estabelecida pelo camponês sedentário (representada na cidade, na Igreja, no Estado). O pastor representa “[...] o incontrolável, o elétron livre impossível de seguir, de fixar, de designar” (ONFRAY, 2015, p. 11). Representa o perigo, pois se apresenta como um ser impossível de ser governado, cercado, limitado.

É interessante pensar que a oposição traçada por Onfray pode nos remeter aos binarismos calvinianos, tão explorados pelo escritor italiano em suas *Seis propostas para o próximo milênio*: assim como ali Calvino explora a leveza em relação com o peso, a rapidez em diálogo com a lentidão ou o imobilismo, aqui Onfray discute o nomadismo em seu posicionamento frente ao sedentarismo, de modo que um não apenas se opõe ao outro, mas é fundamental em sua construção. Até porque, como afirma o filósofo francês, os princípios do nomadismo e do sedentarismo não existem prioritariamente em formas arquetípicas puras, mas antes se apresentam “[...] como componentes indiscerníveis na particularidade de cada indivíduo” (ONFRAY, 2015, p. 10). Michel Onfray recorre ao Antigo Testamento, mais precisamente ao livro do Gênesis, para traçar a genealogia dessa relação imbricada que se percebe entre o nomadismo e o sedentarismo: na narrativa de Caim e Abel, o primeiro, o camponês lavrador, mata o irmão, pastor de rebanhos, enciumado da atenção dispensada por

² “La mirada exterior, en efecto, posee una visión más penetrante, más ácida también, pues sabe ver lo que a unos ojos demasiado acostumbrados les es difícil apreciar.”

Deus a Abel. A punição divina é rápida e certa: Caim é amaldiçoado e condenado a vagar pelo mundo, sem uma paragem. Daí Onfray aponta: “Gênese da errância: a maldição; genealogia da eterna viagem: a expiação – donde a anterioridade de uma falta sempre grudada no indivíduo como uma sombra maléfica” (ONFRAY, 2015, p. 11-12).

Recorrer ao nomadismo como um eixo poético, tomar a “pulsão da viagem” como característica relevante para um projeto narrativo: ao escolher essa chave de leitura, ressalto o lugar de dispersão no qual situo a obra calviniana no escopo dos estudos literários, sua perigosa potencialidade, que coloca em risco as classificações literárias e seus projetos ordenadores, as tentativas de “sedentarização” de uma poética que valoriza a errância e o deslocamento. Nas obras de Calvino (seja em seus contos, romances, ensaios ou textos de caráter autobiográfico, as quais são muitas vezes impossíveis de classificar em algum gênero), a viagem é uma constante: acompanhando os registros das viagens do autor ou de seus personagens de caráter andarilho, frequentamos lugares dos mais verossímeis aos mais inusitados. Vemo-nos diante de personagens errantes, que têm no contato com a diferença constante a propulsão necessária para que construam seus conhecimentos e se posicionem no mundo em que vivem: “[...] a arte da viagem induz uma ética lúdica”, “[...] um tempo singular feito de durações subjetivas e de instantes festivos buscados e desejados” (ONFRAY, 2015, p. 14; p. 15).

É possível pensar, inclusive, que esses personagens viajantes encarnam os valores literários exaltados pelo autor em *Seis propostas para o próximo milênio*: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade. Afinal, o viajante é um aventureiro que parte “[...] em busca de um horizonte que nada limite” (PEIXOTO, 1987, p. 81), num percurso em que esses valores são relevantes para determinar tanto os trajetos a se percorrer quanto os destinos aos quais se pretende chegar. Se viajar é estar sempre “[...] em busca do seu lugar”, “[...] ir cada vez mais longe”, “[...] desterritorializar-se” (PEIXOTO, 1987, p. 81), ou seja, “[...] é a liberação de qualquer ponto definido no espaço” (SIMMEL, 1983, p. 182), um não pertencimento a nenhum lugar específico (MAFFESOLI, 2004, p. 27), pode-se entender que na viagem a mudança se torna permanente, o movimento contínuo, o percurso infinito, ainda que marcado por idas e voltas.

Nesse processo de viagem, o fim é sempre deslocado: o destino é invariavelmente empurrado adiante, a chegada torna-se uma nova partida, as linhas

de fuga multiplicam-se e as possibilidades ampliam-se exponencialmente. Ou, para dizer com Onfray, o destino é a própria errância:

Quando põe o pé na estrada, ele [o nômade] obedece a uma força que, surgida do ventre e do âmago do inconsciente, lança-o no caminho, dando-lhe impulso e abrindo-lhe o mundo como um fruto caro, exótico e raro. Desde o primeiro passo realiza seu destino. (ONFRAY, 2015, p. 15)

É, assim, durante a viagem que a vida se mostra mais rica, complexa e interessante, é no trajeto pela imensidão que se abre à sua frente que o viajante constitui sua subjetividade, suas memórias, seus conhecimentos, numa perspectiva mais coletiva e solidária:

A vida errante, desse ponto de vista, é a expressão de uma relação diferente com os outros e com o mundo, menos ofensiva, mais suave, um pouco lúdica e, claro, trágica, pois se apoia na intuição do efêmero das coisas, dos seres e de suas relações.³ (MAFFESOLI, 2004, p. 28, tradução minha)

Essa “relação diferente com os outros e com o mundo” de que fala Michel Maffesoli talvez seja o ponto de interseção entre os diversos viajantes de Italo Calvino: com inúmeras possibilidades para traçar seus percursos, é difícil imaginarmos a condensação de personagens tão diferentes na figura de um único viajante, e talvez seja justamente esse modo distinto de estar no mundo e de entender (ou tentar entender) o outro o que lhes aparece como característica comum. Se eu fizesse uma breve lista reunindo alguns dos viajantes calvinianos, certamente iria inserir os nomes de alguns personagens que me parecem imprescindíveis. O primeiro deles seria o Leitor do livro em que a viagem se marca já no título, *Se um viajante numa noite de inverno*: personagem que realiza uma viagem pelo universo da literatura, viagem que se dá tanto nas páginas lidas de inícios de romances que apresentam paisagens e perspectivas narrativas distintas quanto na aventura territorial de deslocamento em busca de um único livro, o livro que ele deseja “ler até o fim”. Ao seu lado poderíamos encontrar Marco Polo, o viajante veneziano que, em *As cidades invisíveis*, percorre as femininas cidades do império mongol de Kublai Khan, numa viagem cartográfica em que se mesclam a história, a filosofia e a linguagem. Num cenário distinto, no qual o universo a ser percorrido restringe-se por decisões do próprio viajante, estaria

³ “La vida errante, desde este punto de vista, es la expresión de una relación diferente con los otros y con el mundo, menos ofensiva, más suave, algo lúdica y, claro, trágica, pues se apoya en la intuición de lo efímero de las cosas, de los seres y de sus relaciones.”

Cosme de Rondó, *O barão nas árvores*, o qual acompanhamos na viagem de sua vida por um universo arbóreo e suspenso no ar. E, pensando em suspensão, ao lado de Cosme encontraríamos um personagem de nome impronunciável, o Qfwfq de *As cósmicas*, que amplia seu território de viagem para o tempo e o espaço infindáveis, mesclando com humor ciência e ficção. Não poderia deixar de figurar nessa lista também o senhor Palomar, com seu nome de observatório, a quem podemos acompanhar em uma viagem telescópica do olhar, que percorre desde o mais próximo ao mais distante, muitas vezes sem sair do lugar. Afinal, como afirma Nelson Brissac Peixoto,

Não é preciso ir longe para se afastar. [...] Partir não significa, necessariamente, viajar, nem mesmo sair do lugar. Pode se fazer no local, como viagens imóveis, de gente que não se mexe. Pois não consiste em chegar a um lugar, mas estar no meio, em ficar no mesmo lugar como se estivesse na estrada, num outro lugar. (PEIXOTO, 1987, p. 86)

Também empreendendo viagens num mesmo espaço poderíamos encontrar o singelo Marcovaldo, que em *Marcovaldo ou as estações na cidade* sai em busca da poesia perscrutando o que há de mais banal e concreto numa cidade, a sua cidade, a qual percorre num trajeto cíclico.

A essa lista eu poderia agregar ainda vários outros personagens, que contribuiriam para ampliar ainda mais a dificuldade em escolher os caminhos que seguirei na viagem aqui proposta pelo território calviniano. Espero que me acompanhem nesta aventura, para a qual tinha percursos não muito certos e companheiros de viagem não totalmente definidos: assim, pode ser que se juntem a nós alguns dos personagens aqui mencionados, assim como alguns personagens desconhecidos podem resolver nos acompanhar. Mas pode acontecer também de alguns desses personagens aparecerem aqui apenas como sugestões para viagens a serem empreendidas futuramente, por mim, por vocês, por nós. Enfim, por mais que o planejamento da viagem seja importante e as expectativas frente a ela um momento de grande prazer (BOTTON, 2012; ONFRAY, 2015), é fundamental deixar algum espaço para as surpresas e as descobertas.

Penso em um guia para nos acompanhar no início dessa viagem, e a escolha mais acertada me parece ser o incansável viajante que cruzou Ocidente e Oriente para descobrir um mundo até então desconhecido, misterioso, maravilhoso: Marco Polo. A escolha desse guia já provoca, por si só, um deslocamento inicial, a travessia

para um lugar situado entre a história e a ficção: afinal, a personagem remete diretamente ao mercador veneziano que, na segunda metade do século XIII, partiu rumo à China num percurso exploratório pelo território asiático, lançando em 1298 o manuscrito no qual narra suas viagens: *O livro das maravilhas*.

Não pretendo aqui entrar em detalhes acerca do livro de Polo, pois isso fugiria ao escopo deste trabalho, mas me parece importante mencionar sua relação com o maravilhoso e, por essa via, o modo pelo qual Italo Calvino constitui seu território ficcional em *As cidades invisíveis*, assim como a vinculação do livro de Polo ao que poderíamos chamar de “literatura de viagem”. Na introdução da edição de *O livro das maravilhas* publicada pela editora L&PM, o pesquisador turco Stéphane Yerasimos afirma que, apesar de o livro de Polo ter alcançado grande celebridade desde seu surgimento, sendo amplamente difundido, ele foi acolhido com grande ceticismo naquele contexto, uma vez que

Sua época, habituada a uma geografia maravilhosa e estandardizada, escandalizou-se com suas inovações. Se ele tivesse descrito o reino das Amazonas ou dos Pigmeus, ninguém teria se comovido. Mas contar que as ruas da cidade da China eram pavimentadas com tijolos e que pedras negras queimavam, era demais. (YERASIMOS, 2015, p. 17)

Assim, por mais que o livro de Marco Polo propusesse uma narrativa na qual “observação”, “documentação” e “precisão” fossem fundamentais, ele mantinha elementos legendários e, em especial, aparecia aos olhos de sua época como uma narrativa fabulosa. Além disso, suas escolhas narrativas são destinadas a conformá-lo como um “[...] relato típico do gênero ‘viagem’” (YERASIMOS, 2015, p. 32), voltado ao prazer do leitor.

É interessante pensarmos essa questão à luz da relação entre o Mesmo e o Outro traçada por Michel Foucault em *As palavras e as coisas*, no qual o francês recorre à enciclopédia chinesa delineada por Jorge Luis Borges para indicar como o Oriente ali se apresenta como uma marca de excentricidade. Foucault vai dizer que, se a enciclopédia chinesa de Borges aponta uma atopia, ela faz esse lugar atópico convergir para uma “pátria mítica”, uma “[...] região precisa, cujo simples nome constitui para o Ocidente uma grande reserva de utopias”: a China, cuja cultura é “[...] surda aos acontecimentos do tempo”, “[...] vinculada ao puro desenrolar da extensão” (FOUCAULT, 2002, p. xiv). Sob esse prisma, falar da China por meio de elementos que nos são comuns é mais absurdo e inacreditável que a ela atribuir as

características maravilhosas que eram comuns aos textos geográficos da época de Marco Polo.

Por essa via, chego às cidades invisíveis de Calvino entendendo-o também como “um livro de maravilhas”, no qual o protagonista narra ao seu empregador, o imperador mongol Kublai Khan (outro personagem com lastro histórico), as viagens por ele empreendidas às cidades de seu reino. Polo é um nômade que faz da viagem seu meio de vida: comerciante, percorre todo o território mongol para, sempre, retornar a seu ponto de origem na região, o castelo de Khan. O livro de Calvino, assim, compõe-se como um delicado mapa delimitado, de um lado, pela memória de Marco Polo e pelos sonhos de seu imperador Kublai Khan, os quais transparecem nos diálogos travados entre os dois personagens, e, por outro, pela narrativa de Polo acerca das cidades por ele visitadas. Todas as cidades descritas pelo mercador veneziano têm nomes de mulheres, possibilitando assim uma outra viagem, uma viagem pelo universo do feminino que nelas se inscreve: junto a Marco Polo e Kublai Khan somos apresentados a Berenice, a Teodora, a Cecília, a Olívia, a Isaura...

Mas as cidades de Calvino são mais que lugares maravilhosos. É possível percorrê-las também como territórios de saber, de memória, de desejo, de humanidade. Se andamos por elas como se estivéssemos nas cidades tradicionais mencionadas por Nelson Brissac Peixoto, as quais “[...] eram feitas para serem vistas de perto, por alguém que andava devagar e podia observar os detalhes das coisas” (PEIXOTO, 2002, p. 361), descobrimos minúcias só perceptíveis a quem tem o passo lento. Podemos desse modo tentar compreender os mistérios de Tamara, a cidade dos símbolos, cuja rota de chegada já reserva ao viajante algumas surpresas:

Caminha-se por vários dias entre árvores e pedras. Raramente o olhar se fixa numa coisa, e, quando isso acontece, ela é reconhecida pelo símbolo de alguma outra coisa: a pegada na areia indica a passagem de um tigre; o pântano anuncia uma veia de água; a flor do hibisco, o fim o inverno. O resto é mudo e intercambiável – árvores e pedras são apenas aquilo que são. (CALVINO, 2004, p. 17)

Para conhecer Tamara, é preciso andar calmamente e observar os detalhes: ali, são os pequenos elementos que permitem aceder à cidade, numa leitura em filigrana na qual o que se vê diz muito mais sobre a cidade do que o que transparece na superfície dos objetos. Tamara pode ser uma cidade de enganos, já que ali “[...] os olhos não veem coisas mas figuras de coisas que significam outras coisas” (CALVINO, 2004, p. 17). Mas pode, também, ser uma cidade de descobertas, desde que o

viajante consiga nela identificar “[...] o que contém e o que esconde”, como um decifrador: “Nas formas que o acaso e o vento dão às nuvens, o homem se propõe a reconhecer figuras: veleiro, mão, elefante...” (CALVINO, 2004, p. 18).

É nesse mapa de viagem de Marco Polo que Calvino faz emergir os enganos da linguagem e do tempo, os artifícios e as lacunas da memória, o lugar da fronteira e do outro como o espelho a partir do qual o viajante, estrangeiro perpétuo, vai se constituir, ainda que em negativo. Afinal,

[...] aquele que não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. Ele resgata o significado que tinha aquela mitologia. Ele é capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais. (PEIXOTO, 2002, p. 363)

É desse modo que conhecemos Despina, cidade que se pode alcançar “[...] de navio ou de camelo” e que “[...] se apresenta de forma diferente para quem chega por terra ou por mar” (CALVINO, 2004, p. 21). A cidade responde aos olhos que a veem, ao desejo que sobre ela projetam os diferentes viajantes, que a enxergam como aquilo que destoa de sua rotina. Assim, o cameleiro que chega a Despina a vê como um navio, “[...] uma embarcação que pode afastá-lo do deserto, um veleiro que esteja para zarpar”, enquanto o marinheiro nela vislumbra “[...] um camelo de cuja albarda pendem odres e alforjes de fruta cristalizada, vinho de tâmaras, folhas de tabaco” que o afastam “[...] do deserto do mar rumo a um oásis de água doce à sombra cerrada das palmeiras” (CALVINO, 2004, p. 21). Afinal, “[...] cada cidade recebe a forma do deserto a que se opõe” (CALVINO, 2004, p. 22).

O mapa traçado pela memória de Marco Polo na revisitação que a ela faz a narrativa de Calvino é impreciso: nele é possível adentrar por diferentes portos, percorrer rotas diversas, alcançar lugares que são sempre vários e sempre os mesmos. Em lugar de facilitar a localização, esse mapa desterritorializa o viajante, que se lança numa aventura que é, além de espacial, também temporal, pois nela passado e futuro mesclam-se e mostram-se menos fixos e previsíveis do que se poderia imaginar:

Os dicionários não se equivocam, pois, ao indicar as viagens como distanciamentos, enganam-se quando as vinculam ao espaço, quando ingenuamente representam esses movimentos como mudanças de lugar no interior de um mesmo mundo. Não permitem compreender que o viajante se distancia porque se diferencia e transforma seu mundo; que as viagens são sempre empreitadas no tempo. (CARDOSO, 2002, p. 358)

A viagem, assim, lança Marco Polo (e nós, leitores do livro), num entre que sempre se perpetua, numa fronteira que nunca se transforma em destino, pois está sempre próxima e sempre distante:

Tudo isso para que Marco Polo pudesse explicar ou imaginar explicar ou ser imaginado explicando ou finalmente conseguir explicar a si mesmo que aquilo que ele procurava estava diante de si, e, mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos. (CALVINO, 2004, p. 28)

São os lugares estranhos que aguçam o viajante, que o levam a deixar de simplesmente “ver” as coisas para começar a “olhar” para elas. A diferença pode parecer sutil, mas Sergio Cardoso afirma que ver e olhar configuram campos semânticos distintos, e que entre uma e outra ação “[...] é a própria configuração do mundo que se transforma” (CARDOSO, 2002, p. 348). Ver remeteria, conforme o filósofo, a uma certa docilidade e desatenção, na qual o olho “[...] parece apenas deslizar sobre as coisas”. Já olhar se associaria a uma forma perscrutadora e investigativa de pousar os olhos sobre as coisas, de modo a “[...] interrogar e iluminar as dobras da paisagem” (CARDOSO, 2002, p. 348). É esse olhar deliberado, que “[...] não descansa sobre a paisagem contínua de um espaço inteiramente articulado, mas se enreda nos interstícios de extensões descontínuas, desconcertadas pelo estranhamento” (CARDOSO, 2002, p. 349), que pode ser poeticamente representado na descrição de Marco Polo da cidade de Olinda, que apenas revela seus mistérios para quem a percorre com uma lente de aumento: voltando esse olhar ampliado para “[...] um ponto não maior do que a cabeça de um alfinete”, o viajante pode enxergar “[...] telhados antenas claraboias jardins tanques, faixas através de ruas, quiosques nas praças, pistas para as corridas de cavalos”. Mas não é só isso o que se desvela quando se olha detidamente para Olinda: com o passar do tempo, aquele pequeno ponto microscópico se amplia, e “[...] eis que se torna uma cidade de tamanho natural, contida na primeira cidade” (CALVINO, 2004, p. 119). É assim que, olhando a cidade, o viajante conhece não uma de suas facetas, mas várias, que se desdobram infinitamente. Assim são também os espaços a serem percorridos pelo viajante que

se aventura pelo território calviniano: desdobráveis e multiplicáveis, constituídos por uma mistura constante entre concretude e fantasia, história e ficção, ciência e poesia.

Mas o viajante mais emblemático para pensarmos nesse “olhar” sobre o mundo, mais especificamente nesse “olhar estrangeiro” sobre o mundo, parece-me ser o senhor Palomar, nosso novo companheiro de viagem. Observador incansável de tudo o que o cerca – não por acaso o personagem tem o nome de um famoso observatório astronômico –, Palomar lança sobre o mundo um “[...] olhar que pensa”, uma “[...] visão feita interrogação” (CARDOSO, 2002, p. 349). Ele percorre com olhos de viajante o que há de mais ínfimo e banal em seu cotidiano:

Aqui o olho defronta constantemente limites, lacunas, divisões e alteridade, conforma-se a um espaço aberto, fragmentado e lacerado. Assim, trinca e se rompe a superfície lisa e luminosa antes oferecida à visão, dando lugar a um lusco-fusco de zonas claras e escuras, que se apresentam e se esquivam à totalização. [...] Por isso o olhar não acumula e não abarca, mas procura; não deriva sobre uma superfície plana, mas escava, fixa e fura, mirando as frestas deste mundo instável e deslizante que instiga e provoca a cada instante sua empresa de inspeção e interrogação. (CARDOSO, 2002, p. 349)

Alain de Botton, em seu livro *A arte de viajar*, discute essa questão e argumenta que o prazer que associamos à viagem está ligado a uma espécie de “estado de espírito de viajante”, o qual é assim caracterizado pelo filósofo suíço:

Mas o que é o estado de espírito de viajante? Pode-se dizer que a receptividade é sua principal característica. Aproximamo-nos de novos lugares com humildade. Não trazemos ideias rígidas sobre o que é interessante. Causamos irritação aos moradores locais porque paramos em trechos em obras da pista, obstruímos o caminho em ruas estreitas e admiramos o que eles consideram detalhes pequenos e estranhos. Corremos o risco de ser atropelados porque ficamos intrigados com o telhado de um prédio governamental ou com a inscrição de uma parede. [...] Estamos atentos às camadas de história por baixo do presente, tomamos notas e tiramos fotos.

Nosso ambiente doméstico, por outro lado, encontra-nos mais acomodados em nossas expectativas. Estamos convencidos de ter descoberto tudo o que é interessante numa vizinhança basicamente por ter vivido ali durante muito tempo. Parece inimaginável que haja algo novo a ser descoberto num lugar em que vivemos há uma década ou mais. Estamos habituados e, portanto, cegos. (BOTTON, 2012, p. 238-239)

É justamente esse espírito que preside o olhar de Palomar: ainda que no livro exista uma série de narrativas intituladas como “As viagens de Palomar”, a maioria das aventuras do protagonista ocorre justamente em seu ambiente mais próximo, como o jardim ou o terraço de sua própria casa. Palomar não está cego ao que lhe é habitual, e lança sobre seu ambiente doméstico o olhar do viajante. É, assim, o modo

como olha para o mundo, num método rigoroso de observação, o que garante o caráter nômade do personagem. Em suas viagens através de objetos, elementos da natureza e construções que o cercam, ele traça linhas e percursos de pensamento que não se contentam com perspectivas deterministas, destrinchando cada um desses elementos num movimento que valoriza muito mais o processo que o resultado, ou, para nos mantermos no campo semântico da viagem, nesse processo é muito mais importante o trajeto que o destino. Palomar penetra nas brechas do sentido e transpõe assim os limites dos objetos para tentar alcançar suas camadas mais profundas.

Em “O olho e os planetas”, por exemplo, a viagem pelo espaço se dá a partir do terraço de casa: Palomar sabe que durante o mês de abril estarão visíveis, por toda a noite, três planetas, Marte, Saturno e Júpiter, os quais poderão ser perscrutados “a olho nu (mesmo por ele, que é míope e astigmático)” (CALVINO, 1994, p. 36). Com o céu iluminado pela lua cheia, Palomar avista primeiramente Marte, o qual observa e assim descreve:

Marte, embora vizinho do grande espelho lunar inundado de luz branca, põe-se à frente imperioso com seu fulgor obstinado, com seu amarelo concentrado e denso, diverso de todos os outros amarelos do firmamento, a tal ponto que acabamos por concordar em chamá-lo vermelho, e nos momentos inspirados por vê-lo realmente vermelho. (CALVINO, 1994, p. 36)

Mas aquilo não é suficiente para ele: Palomar deseja “ver mais”, olhar mais de perto, viajar a Marte, de modo que acredita que “[...] para aproveitar ainda mais a tripla oposição planetária, é indispensável munir-se de um telescópio” (CALVINO, 1994, p. 36). Assim como ao olhar Olinda sob as lentes de uma lupa Marco Polo descobriu outras cidades, ao olhar Marte telescopicamente Palomar descobre também um novo planeta:

[...] Marte visto ao telescópio se revela um planeta mais perplexo do que se afigura quando observado a olho nu: parece que tem muitas coisas para comunicar mas só consegue pôr em foco uma pequena parte delas, como num discurso tartamudeante e tossiquento. Um halo escarlate estende-se em torno da orla; pode-se procurar concentrá-lo regulando o parafuso, para fazer ressaltar a crostazinha de gelo do pólo inferior; manchas afloram e desaparecem na superfície como nuvens ou rasgões entre as nuvens; uma se estabiliza na forma e na posição da Austrália, e o senhor Palomar se convence de que quanto mais distinta vir essa Austrália mais a objetiva estará em foco, mas ao mesmo tempo se dá conta de que está perdendo outras sombras de coisas que lhe parecia ver ou se sentia predisposto a ver. (CALVINO, 1994, p. 37)

Com isso, fica claro para o senhor Palomar que seu olhar não é capaz de abarcar tudo de uma vez: ao focar em determinado aspecto, inevitavelmente outros serão obscurecidos. Mas isso não é tudo o que o senhor Palomar descobre ao contemplar o céu: mesmo aquilo que nosso olhar abarca está em movimento constante, não pode ser fixado. É isso o que ele percebe na narrativa “Lua do entardecer”, na qual a viagem imóvel à lua mostra-se como uma descoberta da incerteza e da mudança contínuas, da construção em processo:

A lua é o mais mutável dos corpos do universo visível, e o mais regular em seus estranhos hábitos: jamais falta aos encontros e podemos sempre esperá-la de passagem, mas se a deixamos num ponto vamos encontrá-la em outro, e se lembramos de sua face voltada de uma certa maneira, eis que iremos encontrá-la mudada, um pouco ou muito. Contudo, seguindo-a passo a passo, não nos damos conta de que imperceptivelmente ela vai fugindo de nós. (CALVINO, 1994, p. 34-35)

Essa consciência do efêmero, que é uma das características mais relevantes do princípio do nomadismo, também é desenvolvida por Palomar em “Leitura de uma onda”, narrativa na qual o personagem procura estabelecer uma teoria sobre o universo a partir da análise de uma onda, tarefa que se mostra impossível uma vez que

[...] isolar uma onda da que se lhe segue de imediato e que parece às vezes suplantá-la ou acrescentar-se a ela e mesmo arrastá-la é algo muito difícil, assim como separá-la da onda que a precede e que parece empurrá-la em direção à praia, quando não dá até mesmo a impressão de voltar-se contra ela como se quisesse fechá-la. (CALVINO, 1994, p. 7)

Não há, portanto, como estabelecer uma fronteira final, um ponto de chegada no qual termine a viagem: as ondas se sobrepõem umas às outras, diluem-se, num trânsito perpétuo. As ondas do senhor Palomar são como as cidades contínuas de Marco Polo, percursos inacabáveis por não apresentarem começo nem fim, linhas de fuga. As viagens, conforme Maffesoli, “De alguma maneira [são] a expressão mais evidente do tempo que passa, da inexorável fugacidade de todas as coisas, de sua trágica evanescência”⁴ (MAFFESOLI, 2004, p. 37, tradução minha). E é isso o que faz com

⁴ “De alguna manera es la expresión más evidente del tiempo que pasa, de la inexorable fugacidad de todas las cosas, de su trágica evanescencia.”

“que a fronteira seja sempre empurrada para adiante e que esta aventura possa continuar”⁵ (MAFFESOLI, 2004, p. 42, tradução minha).

Mas a viagem pressupõe o retorno, mesmo que temporário. Michel Onfray intitula um dos capítulos de seu *Teoria da viagem* como “Reencontrar um lugar”, e começa sua reflexão remetendo ao clássico viajante literário Ulisses, que empreende uma verdadeira odisseia para reencontrar sua terra natal: “Não há viagem sem reencontro com Ítaca, que dá sentido ao deslocamento” (ONFRAY, 2015, p. 85). Para Onfray, é o “[...] reencontro com o domicílio [que] dá sentido, o seu sentido, ao nomadismo – e vice-versa”, uma vez que a viagem é por ele entendida como “[...]um momento num movimento mais geral – não como um movimento por si só” (ONFRAY, 2015, p. 86).

Acredito que nesse momento, o de pensar o retorno e o “fim” da viagem, estaremos bem acompanhados pelo Leitor, personagem de uma obra que nos apresenta a viagem como parte de um ciclo, que retorna à sua Ítaca mas que sabe que, mesmo ali, pode se manter estrangeiro, pois seu olhar aguçado lhe foi instigado por um certo “estado de espírito de viajante”, o qual lhe será garantido pela ficção. Em *Se um viajante numa noite de inverno*, Calvino narra a história do Leitor, que na tentativa de levar a cabo a leitura de um livro, envolve-se numa viagem que mistura falsificações, traduções, livros proibidos, leitores e escritores diversos, princípios de romances que o protagonista nunca consegue terminar de ler... Ao longo dessa viagem através da própria literatura, Calvino coloca em discussão temas como escrita, leitura, tradução, cópia, editoria, censura e academia, além dos diversos estilos literários que perpassam a obra como objeto da narrativa. O leitor do livro de Calvino acompanha assim, ao longo da obra, a jornada sem fim do Leitor em busca de um determinado livro, e viaja com ele na busca que sempre o leva a outro livro, e a outro livro, e a outro livro... Estamos mais uma vez diante da pulsão da viagem, uma viagem na qual técnicas narrativas, estilos literários, discussões críticas e teóricas vão constantemente direcionando umas às outras, de modo que a cada passagem o mapa da viagem se modifica, e o trajeto apresenta novas bifurcações e pontos de encontro.

Nesse percurso, o viajante descobre a cada movimento outras vozes, citações e referências a outros textos e estilos, desdobramentos de uns nos outros, numa rede crescente de narrativas que poderia ser desenvolvida e desdobrada infinitamente, na

⁵ “[...] que la frontera sea siempre empujada hacía adelante y que esta aventura pueda continuar.”

construção de um mapa infinito. Mas, naquele que pode ser considerado o capítulo final da trama de *Se um viajante numa noite de inverno* (apesar de este ser o princípio do Capítulo 11, que antecede o breve capítulo de encerramento da obra, é nele que se retoma e amarra o tecido de leituras múltiplas que o livro constitui), é assim que o narrador calviniano interpela o leitor:

Leitor, é hora de sua agitada navegação encontrar um ancoradouro. Que porto pode acolhê-lo com maior segurança que uma grande biblioteca? Certamente haverá uma na cidade da qual partiu e à qual retorna depois de uma volta ao mundo de um livro a outro. (CALVINO, 1999, p. 256)

Assim Calvino, e nós, chegamos ao percurso final dessa viagem. Solicitando um ancoradouro, um porto seguro, uma cidade à qual retornar. O leitor de Calvino quer completar a odisseia e retornar a Ítaca. Na tentativa do simples, até mesmo prosaico, ato de ler um livro, ele se envolveu com leitores dos mais diversos tipos, aventurou-se nos meandros do meio editorial, foi perseguido e arriscou-se junto a tradutores, falsários, editores, professores... Leu dez princípios de romances que compõem uma espécie de catálogo da história da literatura em seus diversos gêneros e estilos, nos quais se podem identificar os traços de certos autores que conformam cânones literários distintos. Mas o Leitor não ficou satisfeito com essa viagem narrativa: ele quer ler a palavra “fim”, quer percorrer aquelas tramas até seu encerramento, continua desejoso de um epílogo para as histórias que viveu e conheceu. O Leitor quer abandonar o risco da viagem em favor da segurança do ancoradouro. E esse ancoradouro teria a forma de uma biblioteca.

É interessante, nesse sentido, a conversa travada entre o Leitor e outros leitores na biblioteca. Nela, cada um deles apresenta sua concepção de leitura, criando a imagem de uma viagem em que o diálogo entre o diverso possibilita a ampliação dos saberes, em que o contato com o outro conforma a concepção que se tem, e em que o destino final é um excepcional lugar de encontros de todos os gêneros e nunca a imobilidade absoluta do mesmo:

Este é mesmo meu modo de ler, e só assim a leitura me é proveitosa. Se um livro me interessa de verdade, não consigo avançar além de umas poucas linhas sem que minha mente, tendo captado uma ideia que o texto propõe, um sentimento, uma dúvida, uma imagem, saia pela tangente e salte de pensamento em pensamento, de imagem em imagem, num itinerário de raciocínios e fantasias que sinto a necessidade de percorrer até o fim, afastando-me do livro até perdê-lo de vista. (CALVINO, 1999, p. 257)

A leitura é uma operação descontínua e fragmentária. Ou melhor: o objeto da leitura é uma matéria puntiforme e pulverizada. Na imensidade da escrita o leitor distingue segmentos mínimos, aproximação de palavras, metáforas, núcleos sintáticos, transições lógicas, peculiaridades lexicais que se revelam densas de significado extremamente concentrado. [...] Por isso minha atenção [...] não pode afastar-se das linhas escritas nem por um instante sequer. Não devo distrair-me para não deixar escapar nenhum indício precioso. [...] Por isso minha leitura não acaba nunca: leio e releio sempre, procurando a confirmação de uma nova descoberta entre as dobras da frase. (CALVINO, 1999, p. 257-258)

Também eu sinto a necessidade de reler os livros que já li [...], mas a cada leitura me parece estar num livro novo. Será que continuo a mudar e ver coisas que antes não percebera em outra leitura? [...] A conclusão à qual cheguei é que a leitura consiste numa operação sem objeto ou que seu verdadeiro objeto é ela própria. O livro é um suporte acessório ou, mesmo, um pretexto. (CALVINO, 1999, p. 258)

Cada novo livro que leio passa a fazer parte daquele livro abrangente e unitário que é a soma de minhas leituras. Isso não acontece sem esforço; para compor esse livro geral, cada livro particular deve transformar-se, relacionar-se com os livros que li anteriormente, tornar-se o corolário ou o desenvolvimento ou a refutação ou a glosa ou o texto de referência. (CALVINO, 1999, p. 259)

Fazemos, assim, com o Leitor, o percurso do retorno, a volta ao ponto de origem depois de circular pelo mundo. Mas não podemos esquecer: como aprendemos com Marco Polo, cada paragem tem a forma que lhe atribui o viajante. E, se nesse momento, o ancoradouro é o espaço que nos recebe ao fim da viagem, ele é também o espaço de onde poderemos empreender novas navegações: afinal, como afirmou Calvino em um de seus textos autobiográficos, “[...] é melhor viajar do que ficar em casa” (CALVINO, 2006, p. 141).

Referências

BONURA, Giuseppe. *Invito alla lettura di Italo Calvino*. Milano: Mursia, 1987.

BOTTON, Alain de. *A arte de viajar*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

CALVINO, Italo. *Palomar*. Trad. de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CALVINO, Italo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CALVINO, Italo. O comunista partido ao meio. In: CALVINO, Italo. *Eremita em Paris*: páginas autobiográficas. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 136-144.

CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 347-360.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MAFFESOLI, Michel. *El nomadismo*: vagabundeos iniciáticos. Trad. Daniel Gutiérrez Martínez. México, DF: FCE, 2004.

ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem*: poética da geografia. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2015.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Cenários em ruínas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 361-365.

POLO, Marco. *O livro das maravilhas*: a descrição do mundo. Trad. Elói Braga Jr. Porto Alegre: L&PM, 2015.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). *Georg Simmel*: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 182-188.

YERASIMOS, Stéphane. Introdução: Sob os olhos do Ocidente. In: POLO, Marco. *O livro das maravilhas*: a descrição do mundo. Trad. Elói Braga Jr. Porto Alegre: L&PM, 2015. p. 9-34.

Recebido em: 12/02/2021

Aprovado em: 24/03/2021